



1. SUSANA GAUDÊNCIO

A. Um mundo dentro do mundo, 2018
20 cartazes + quadrado negro
Estrutura em madeira
Dimensões variáveis

B. Jogo de buracos negros e brancos, 2018
Vídeo-animação, (loop), 2 min 22s
Cunha de madeira e ecrã
40 cm x 124 cm x 72 cm

2. MAFALDA SANTOS

A. Anhangabaú, 2014
Papel impresso
200 x 250 x 40 cm

B. A Força e a Forma, 2018
Papel e madeira
95 x 60 cm

3. JOÃO FERRO MARTINS

Conflito e Unidade I, 2018
Amplificador, colunas áudio, plataforma de carga, leitor de mp3, extensão tripla
141 x 43 x 27 cm

Conflito e Unidade II, 2018
Esmalte sobre MDF, rodízios, fita de luz LED, extensão tripla
141 x 43 x 27 cm

Conflito e Unidade III, 2018
Contraplacado, rodízios, copos
141 x 43 x 27 cm

4. MÁRIO DIONÍSIO

À mesa à luz do petróleo, 1948
Óleo sobre tela
64 X 134 cm
[Coleção do Museu do Neo-Realismo / Legado de Maria Barreira]

PROGRAMAÇÃO PARALELA

23 de junho (sábado)
16h00 às 17h00

Conversa
“Conflito e Unidade da Arte Contemporânea”
Visita à exposição pelas curadoras

15 de setembro (sábado)
15h00 às 18h00

Conferência Internacional
“O valor e a utilidade da arte”
Visita à exposição pelas curadoras

setembro/outubro

Workshops em Escolas Secundárias do Concelho com os artistas

27 de outubro (sábado)
16h00 às 18h00

Mesa-redonda com os artistas João Ferro Martins, Mafalda Santos e Susana Gaudêncio

8 e 9 de novembro (quinta e sexta-feira)
9h30 às 18h00

Conferência Internacional Museum Reader

[Exposição]

Organização
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Presidente Alberto Mesquita

Pelouro da Cultura
Vereadora Manuela Ralha

Coordenação
Museu do Neo-Realismo
Direção Científica do Museu do Neo-Realismo
Raquel Henriques da Silva
Departamento de Educação e Cultura

Curadoria
Sandra Vieira Jürgens
Paula Loura Batista

Design Gráfico
v-a · studio

Design Expositivo e Adaptação Gráfica
Divisão de Informação Municipal e Relações Públicas
Carla Félix

Produção
Museu do Neo-Realismo
Fernando Marques
Helena Seita
Lurdes Aleixo

Planeamento | Logística
Museu do Neo-Realismo
Ana Filipa Caldeira
Cláudia Serra
Clara Silva
Lurdes Aleixo
Manuela Braga
Paula Loura Batista
Paula Pedras
Rute Oliveira
Vanda Arsénio

Montagem
Museu do Neo-Realismo
Fernando Marques
Helena Seita
Jorge Carvalho
Paula Loura Batista

Divisão de Informação Municipal e Relações Públicas
Helder Dias
Miguel Oliveira
Nuno Correia

Departamento de Obras Viaturas e Infraestruturas
José António Luis
Gilberto Martins
João Carvalho
José Travassos
Manuel Moleiro
Ricardo Pereira
Vitalino Lopes

Comunicação
Museu do Neo-Realismo
Fernando Marques
Helena Seita
Divisão de Informação Municipal e Relações Públicas
Carla Coquenim

Serviço Educativo
Museu do Neo-Realismo
Lidia Agostinho
Maria Virginia Figueiredo



Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



APOIOS



Rua Alves Redol, nº 45
2600-099 Vila Franca de Xira
Tel.: 263 285 626
neorealismo@cm-vfxira.pt
www.museudoneorealismo.pt

HORÁRIO DO MUSEU
3ª a 6ª feira das 10h00 às 18h00
Sábado e domingo das 10h00 às 19h00
Encerra às 2ªs feiras e feriados

Museu do Neo-Realismo

Exposição
26.05.2018 - 11.11.2018

COSMO/POLÍTICA #2

CONFLITO E UNIDADE

Ciclo de Arte Contemporânea
2017 - 2020

João Ferro Martins
Mafalda Santos
Susana Gaudêncio

CICLO COSMO/POLÍTICA #2: Conflito e Unidade

Dando continuidade ao ciclo expositivo de arte contemporânea COSMO/POLÍTICA e seguindo o eixo matricial do projeto – do estabelecimento de um diálogo com o legado neorrealista –, esta segunda exposição tem como ponto de partida a conferência *Conflito e Unidade da Arte Contemporânea* proferida por Mário Dionísio na Sociedade Nacional de Belas Artes em Dezembro de 1957, e publicada em 1958.

Nesta conferência, integrada na 1ª *Exposição de Artes Plásticas* da Fundação Gulbenkian, Mário Dionísio interpela os presentes quanto a questões fundamentais e prementes sobre a arte e a criação estética moderna, sobre o que caracteriza como falso antagonismo entre abstracionismo e realismo, ou forma e conteúdo, e, sobre o conflito entre a arte e o público.

Surpreendentemente, ou nem tanto, algumas das interrogações de Mário Dionísio ressoam, 60 anos depois, com plena atualidade. Nesse sentido convocámos algumas problemáticas da criação artística contemporânea num diálogo que dificilmente consideramos anacrónico, quando compreendemos a intemporalidade e a importância de reavivar no Museu do Neo-Realismo o pensamento crítico sobre as práticas artísticas e as suas implicações na sociedade.

Convidámos os três artistas participantes – **João Ferro Martins, Mafalda Santos e Susana Gaudêncio** – a dar sequência a este debate partilhado no tempo e a refletir e problematizar os modos de representação da realidade, a função social da arte, a atualidade da noção de “arte útil” e o acolhimento da arte na sociedade, ou os contínuos encontros e desencontros entre o público e a arte contemporânea.

Curadoras

Sandra Vieira Jürgens
Paula Loura Batista

JOÃO FERRO MARTINS

Na série *Conflito e Unidade*, formada pela instalação de três peças escultóricas, João Ferro Martins aborda o tema da exposição a partir da noção de réplica e do conflito entre discursos estéticos produzidos em objetos similares. A problemática das tensões experimentadas pelos artistas modernos, nomeadamente as relações antinómicas entre o abstrato e o figurativo, entre o valor da utilidade *versus* o da autonomia do objeto artístico ou entre o trabalho autoral e anónimo, são exploradas na criação deste tríptico escultórico que parte de uma matriz: um objeto museográfico utilitário usado para o transporte de obras de arte no próprio Museu do Neo-Realismo. Partindo da estrutura da plataforma inferior deste carro, desenhado, construído e usado pela equipa técnica do Museu do Neo-Realismo, João Ferro Martins construiu igualmente o seu projeto artístico procurando a colaboração dos funcionários das oficinas da carpintaria municipal. Esta referência ao modo de execução do projeto é relevante, na medida em que evoca a crítica ao conceito de autoria artística já presente nesta série, realizada através da cópia parcial de um objeto funcional, e reforça o reconhecimento do trabalho oficial comum, concretizado muitas vezes com o apoio de gente anónima. Mais do que promover uma experiência estética, em *Conflito e Unidade* problematiza-se acima de tudo o modo de produção da obra de arte e os processos criativos imanentes ao autor.

Conflito e Unidade I, que surge composta por uma pequena plataforma com rodas sobre a qual está pousado um amplificador de aparelhagem e duas colunas de som, adquire a qualidade de um comum estéreo e de uma instalação sonora, que evidencia a riqueza da apropriação de objetos da realidade quotidiana e o potencial colaborativo das diferentes disciplinas artísticas. Junto desta, *Conflito e Unidade II* está próxima do valor da autonomia da estética minimalista pela aparência monolítica que apresenta, que não deixa de ser subvertida pela presença intencional de um elemento lumínico. Por sua vez, *Conflito e Unidade III*, apresentando-se idêntica às peças anteriores, foi produzida em contraplacado e possui aparentemente uma função utilitária devido à presença de um conjunto de dois tipos de copos, em equilíbrio instável, e com valores estéticos e de uso diferenciados: o copo comum (popular, essencialmente utilizado para vinho) e o copo requintado (a *flute* usada para champanhe).

MAFALDA SANTOS

A materialidade e a visibilidade dos objetos e o modo de perceber a sua forma e conteúdo são alguns dos pontos de partida da instalação *Anhangabaú* (2014) de Mafalda Santos. A instalação apresenta-nos um “muro” erigido pela sobreposição de resmas de papel impresso. Se sabemos que essas folhas contêm informação, esta permanece inacessível e encriptada, já que delas são visíveis apenas as suas múltiplas e variadas margens.

Jogando com o conceito de abstração no questionamento das infinitas possibilidades do conteúdo, e também com a fisicalidade ou tridimensionalidade do objeto e a bidimensionalidade e abstração da imagem, Mafalda Santos convoca outras reflexões e questões de interesse para a leitura do seu trabalho, como a acumulação e obsolescência inerentes ao excesso de informação que, paradoxalmente, resultam numa impossibilidade de acesso ao conhecimento. Na voragem do tempo atual, de rápida veiculação de informação tanto fidedigna como falseada, esta obra remete-nos ao questionamento sobre o conflito, real, entre a informação exponencial que recebemos e o efetivo conhecimento gerado por essa transmissão, tão imediata como efémera ou superficial. Reapropriando-a e relendo-a através da produção crítica de Mário Dionísio, o cariz formal da peça que intervém “arquiteticamente” no espaço expositivo, criando uma barreira visual face ao conjunto das obras exibidas, não anula o seu forte pendor abstrato, cuja leitura e acesso serão tanto mais profundos quanto a aproximação e projeção que fizermos à sua inesgotável dimensão de possibilidades. A artista apresenta ainda a obra *A Força e a Forma* (2018) que repercute o tema da conferência *Conflito e Unidade da Arte Contemporânea* de Mário Dionísio, estabelecendo um diálogo entre a peça tridimensional e a pintura deste autor, *À mesa à luz do petróleo* (1948), selecionada para esta exposição.

SUSANA GAUDÊNCIO

A artista apresenta duas obras nesta exposição. *Um mundo dentro do mundo* (2018) consiste numa composição de cartazes instalados em estruturas de madeira e o vídeo-animação *Jogo de buracos negros e brancos* (2018). Ambas evocam o texto da conferência *Conflito e Unidade na Arte Contemporânea* de Mário Dionísio e o *Quadrado Negro* de Kazimir Malevitch, apresentado em 1915 na *Última Exposição Futurista 0.10*. Para estes projetos, Susana Gaudêncio colhe inspiração nesta obra e, jogando satiricamente com essa referência, articula uma narrativa crítica que se entrecruza com o fascínio que experimentou com a descrição por Sartre (no romance *A Náusea*) de uma obra abstrata, excerto a que Mário Dionísio recorre, na conferência de 1957, para exemplificar uma verosímil, ou hipotética, descrição de uma pintura abstrata. Ao contrário das obras suprematistas, em *Um mundo dentro do mundo* a artista utiliza imagens de objetos, figuras ou situações fragmentadas, formas naturais, minerais, e reproduz imagens de objetos em diferentes graus de aproximação impondo-os como realidade. Esta interpelação é igualmente transposta para o espaço expositivo e enriquecida e complementada pelo vídeo-animação *Jogo de buracos negros e brancos* que expande os conceitos subjacentes.